

Estouraram o aparelho de Cabral

JORNAL DA TARDE

Há poucos dias, os deputados descobriram o local de reuniões dos grupos de consenso. Ontem, invadiram.

ANL 11 SET 1987

Sem convite mas decididos a entregar, de qualquer maneira, um documento com mais de cem emendas ao relator Bernardo Cabral, quase duas dezenas de deputados dos partidos considerados de esquerda foram ontem ao Instituto Israel Pinheiro, onde os chamados grupos de consenso, liderados pelo senador José Richa e pelo deputado Euclides Scalco, se reúnem há mais de um mês, transferindo gradativamente, na prática, o local dos trabalhos da Constituinte. À saída da comitiva, José Genoíno (PT-SP) comentou, irônico, que iriam "estourar o aparelho de Cabral", com o qual tentavam contato há dias.

Chegando ao Instituto, Genoíno, Haroldo Lima (PC do B-BA), Paulo Ramos (PMDB-RJ) e Nelson Friedrich (PMDB-PR) comunicaram o desejo de entregar o documento a Cabral, afirmando que aquela reunião era "uma articulação de centro-direita" e que todos os constituintes deveriam reunir-se no Congresso. Sandra Cavalcante (PFL-RJ) respondeu que todos poderiam participar dos debates daquele "grupo de estudos", então sob a presidência do deputado Adolfo de Oliveira (PL-RJ).

A "invasão" foi às 15h30 e Cabral chegou uma hora depois. Nesse meio tempo, Haroldo Lima protestou contra a "articulação conservadora" e investiu, dedo em riste, contra Sandra Cavalcante e Joaquim Bevilacqua (PTB-SP). "Tire o



Cabral: cercado.

dedo de minha cara, aprenda a falar com educação", protestou Bevilacqua para quem seus colegas queriam apenas "fazer cena e não participar". Alguns reclamantes ficaram na sala — Moema São Tiago (PDT-CE), Sigmaringa Seixas (PMDB-DF) e Friedrich.

Com a chegada de Cabral, José Genoíno explicou que as mais de cem emendas sobre 30 itens do substitutivo representavam o ponto de vista de cerca de 120 constituintes do "movimento unidade progressista". E protestou que as reuniões fora do Congresso marginalizavam outros parlamentares e revelava interesse na aprovação de propostas conservadoras da maioria reunida sob a denominação de "consenso".

Após a reunião, a portas fechadas, Cabral garantiu que as proposições serão devidamente consideradas. Jorge Nage (PMDB-BA) afirmou que "pelo menos não precisa-

mos mais ficar procurando o relator", enquanto Haroldo Lima comentava: "Eles (os conservadores) queriam se esconder do conjunto da Constituinte. Mas devem saber que não vamos votar em projeto feito isoladamente".

Alguns parlamentares do grupo de consenso aproveitaram a "invasão" para deixar a reunião, que prosseguiria até tarde da noite. Aparentemente, os esquerdistas não tinham o que temer da mini-constituinte: "Já não sei o que estamos fazendo aqui, nem se tratamos de algo importante", disse o deputado Nelson Jobim, relator-adjunto de Cabral. "Todos os temas já foram debatidos", observou Adolfo de Oliveira. "Foi o último dia de trabalho aqui. O reduto foi devassado", brincou Nelson Jobim.

Desde as 14 horas, Cabral era esperado também por secretários da Fazenda de vários Estados: "Viemos apenas pedir a ele para não alterar o sistema tributário como está no substitutivo", explicaram. Até as 19 horas ainda não haviam sido atendidos. Hoje Cabral recebe dos coordenadores da Frente Municipalista Nacional documento com as reivindicações dos prefeitos.

Na Comissão de Sistematização, o senador José Fogaça (PMDB-RS) fazia as vezes de Cabral na reunião de ontem ouvindo atentamente todos os oradores, que usavam a tribuna para defender suas emendas.

Parlamentarismo: Sarney quer discutir.

O relator Bernardo Cabral sugeriu ontem ao presidente Sarney conversar com os senadores José Richa e Afonso Arinos e com o deputado Cid Carvalho para negociar diretamente com eles o sistema de governo a ser incluído no substitutivo. Segundo Cabral, Sarney ouviu apenas, sem defender o presidencialismo nem criticar o parlamentarismo. Com os

jornalistas, entretanto, Sarney afirmou que não se pode mudar o sistema de governo "sem que o presidente, que exerce por dever uma liderança política, tenha uma participação". Quanto ao modelo ideal, Sarney garantiu que "toda vez que tivermos qualquer negociação de interesse nacional eu não terei nenhuma posição pessoal". A pesquisa que vem sendo feita

pelo líder Luís Henrique (PMDB) aponta empate: 261 constituintes parlamentaristas e 261 presidencialistas. Há 20 indefinidos, um não consultado e a bancada do PT (16), que não votou. Onze pefelistas, adeptos do parlamentarismo, vão explicar hoje a Sarney que essa não é uma opção contra o seu governo — tanto que exigem os seis anos para ele no novo sistema.